

A RELAÇÃO ENTRE *VIDAS SECAS* E *ELITE DA TROPA*: REFLEXÕES PARA FORMAÇÃO DE UM LEITOR CRÍTICO-REFLEXIVO

Anderson Cristiano da Silva¹

RESUMO: Este artigo objetiva discutir as relações dialógicas entre as obras *Vidas Secas* e *Elite da Tropa*. Justifica-se essa discussão pela necessidade de mostrarmos caminhos pelos quais possamos formar leitores mais críticos, capazes de perceber as relações dialógicas entre enunciados. Para tanto, o referencial teórico-metodológico dessa investigação tem como aporte alguns pressupostos bakhtinianos, principalmente a dialogia constitutiva da linguagem. À guisa de conclusão, os livros analisados possibilitaram explicitar um problema social comum, neles podemos encontrar um viés para um trabalho transversal, em que os textos literários sejam mote para o ensino da leitura crítica.

PALAVRAS-CHAVE: dialogismo; enunciado; literatura; análise dialógica do discurso.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the dialogical relations between *Vidas Secas* and *Elite da Tropa*. This discussion is justified by the need of showing ways to form more critical readers, able to understand the dialogic relations among utterances. For this, the theoretical-methodological reference of this investigation has as apport Bakhtin's principles, mainly the constitutive dialogism of the language. In conclusion, the books analyzed possible to explain a common social problem, in them we find a bias towards a cross-sectional study in which literary texts is a motto for teaching critical reading.

KEYWORDS: dialogism; utterance; literature; dialogical analysis of discourse.

Considerações iniciais

Este artigo objetiva discutir (possíveis) relações dialógicas entre as obras *Vidas Secas* (RAMOS, 1982) e *Elite da Tropa* (SOARES; PIMENTEL; BATISTA, 2006). A partir do sucesso nacional do filme *Tropa de Elite*, consideramos que o trabalho com a versão escrita, que inspirou o engendramento do filme, possa estimular a leitura de obras clássicas da literatura nacional, ao mesmo tempo, refletir sobre determinados temas relevantes à sociedade brasileira. Dessa maneira, nossas reflexões pretendem instigar a formação de leitores crítico-reflexivos, contribuindo para construção da identidade de cada indivíduo, pois “as identidades sociais, via de regra, são construídas via discurso” (MOITA LOPES, 2002, p.17).

Em consonância com as ideias de Silva (2003), ao elaborar uma pesquisa sobre *As contribuições e estratégias dos professores de língua materna para promover o desenvolvimento do senso crítico dos alunos*, observou-se que os PCN (2001) prescrevem, em seus objetivos gerais, a tarefa das escolas brasileiras priorizarem a formação de um educando mais crítico. Para tanto, faz-se mister que todas as disciplinas atentem para o cumprimento

¹ Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/LAEL). Mestre em Linguística Aplicada (UNITAU). Bolsista doutorado CNPq. Professor de Língua Portuguesa (SEE/SP). E-mail: andcs23@ig.com.br.

dessa proposta, sendo a disciplina de Língua Portuguesa uma das colaboradoras desse processo de formação.

Neste sentido, torna-se imperioso que os conteúdos abordados dentro da disciplina tenham como um dos objetos o desenvolvimento da criticidade. Sendo o caminho apontado em nossas discussões uma possibilidade de iniciar esse trabalho dialógico de leitura literária, vislumbrando o despertar da criticidade nos educandos.

Particularmente, faremos uma análise contrastiva de trechos dos capítulos “Cadeia” e “Soldado Amarelo”, de *Vidas Secas* (cuja temática central é a representação do Estado), com excertos do livro *Elite da Tropa*, que também abordam questões sobre o Estado, por meio de fatos ficcionais a respeito da corrupção de maus policiais infiltrados nas corporações.

Para atingir tal objetivo, o referencial teórico-metodológico dessa investigação tem como aporte alguns pressupostos bakhtinianos, principalmente a dialogia constitutiva da linguagem e as *relações dialógicas* como categoria de análise. Segundo essa perspectiva, a constituição dialógica dá-se na interação entre locutor e interlocutor, além da inclusão de outras vozes na materialidade linguística, causando desdobramentos no discurso.

Partindo das contribuições de Bakhtin e o Círculo (BRAIT, 2009), discorreremos sobre alguns conceitos que irão subsidiar nossas discussões à luz da Análise Dialógica do Discurso (ADD).

1. Constituição teórico-metodológica a partir da Análise Dialógica do Discurso

A partir de uma maneira específica de entender a linguagem, temos como fundamento teórico-metodológico a Análise Dialógica do Discurso (ADD), que possui nos *textos* e *discursos* o seu objeto de investigação. Correlacionando com essa ideia, nosso trabalho vislumbra analisar as relações dialógicas que permeiam duas obras literárias, assim “temos o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2010, p. 207).

Conforme Amorim afirmou em *A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica*, “o trabalho identitário de todo discurso e de todo texto, seja na vida seja na arte, é um trabalho plural e intrinsecamente conflitual” (AMORIM, 2003, p.12). Acreditamos que trabalhar com pesquisas de cunho qualitativo e com enfoque discursivo sejam atividades complexas, uma vez que a linguagem não é transparente. Assim,

além de considerarmos a constituição subjetiva do pesquisador, precisamos ponderar sua relação com o objeto/sujeito pesquisado.

Se pensarmos no processo de escrita em si, tanto na redação de um relato de pesquisa, quanto de qualquer outro gênero, temos associada à presença de um *outro*. À guisa de ilustração, a própria pesquisa poderia ilustrar essa heterogeneidade discursiva, pois objetivamos atingir os interlocutores fazendo uso de outras vozes: “os pesquisadores estão grande parte do tempo fazendo experiências mentais para utilizar à teoria do outro, pensar a língua do outro, simular seu comportamento, etc.” (AMORIM, 2004, p. 47).

Os discursos são partes inerentes na atividade de pesquisa e precisam ser cuidadosamente analisados. Assim, ao propormos a discussão sobre determinado *corpus*, seja qual for o gênero ou suporte, estaremos trabalhando com o discurso que “produz-se como ato num contexto singular e irrepetível” (AMORIM, 2003, p. 18).

Com isso, pretende-se explicitar as contribuições de Mikhail Bakhtin e o Círculo para uma investigação que tem como base os *textos* e os *discursos*. Devido às necessidades cotidianas das atividades acadêmicas, é necessário um posicionamento teórico sobre os termos em discussão.

No ensaio *Perspectiva dialógica*, Brait (2012) discute a noção de *texto* e *discurso* a partir dos trabalhos desenvolvidos pelo Círculo, explicitando que, como os demais conceitos engendrados por esse viés teórico, é preciso percorrer alguns trabalhos de Mikhail Bakhtin e Valentin V. Voloshinov, compreendendo diversas décadas do século XX. De maneira sucinta, observou-se que em uma das acepções bakhtinianas delineadas sobre texto, está a noção restrita de *conjunto coerente de signos*. Sob outro aspecto, em outros escritos do Círculo, encontrou-se a ideia de discurso vinculada à noção de *relações dialógicas*.

Nesse sentido, partiremos, primeiramente, da concepção de *texto*, não entendido como unidade autônoma, mas como sistema da língua em uso, para observamos os diferentes discursos que (d)enunciam a presença do Estado e as ações de seus representantes nas obras *Vidas Secas* e *Elite da Tropa*.

A acepção de texto pelo viés dialógico foi delineada a partir de trabalhos tardios de Bakhtin, dentre os quais podemos citar *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* e também *Metodologia das ciências humanas* (BAKHTIN, 2003). A noção de texto tem uma importância epistemológica para o teórico russo, pois é ponto de partida para a investigação linguística, diferenciando as ciências humanas das ciências

naturais. Desse modo, se nas ciências naturais o pesquisador se relaciona com seu objeto, nas ciências humanas, o sujeito dialoga com outros sujeitos, por meio dos textos.

Ao falarmos de *texto*, isso também implica relacionarmos com a noção de *discurso*. “A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão” (BAKHTIN, 2010, p.207).

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. (BAKHTIN, 2010, p.209).

Em nosso aprofundamento teórico, acreditamos ser pertinente também uma breve explicitação sobre a acepção de *dialogismo* dentro da ADD. Desse modo, observando as afirmações de Fiorin sobre a construção do enunciado, temos que o dialogismo possui três partes indissociáveis. “O primeiro conceito de dialogismo diz respeito, pois, ao modo de funcionamento real da linguagem: todos os enunciados constituem-se a partir de outros” (FIORIN, 2006, p.30).

Na segunda parte, observa-se a inclusão pelo enunciador da(s) voz(es) de outro(s) enunciador(es), como “maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso” (FIORIN, 2006, p.32). Na última parte percebe-se a relação entre o sujeito e a construção da consciência, na qual as múltiplas vozes estão presentes.

Como podemos ver, por meio dessas características que o sujeito tem um papel fundamental na dimensão dialógica da linguagem, segundo a qual o dialogismo forma-se por meio de três eixos básicos: (a) na relação de sentido estabelecido entre os enunciados; (b) na forma composicional (maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso); (c) no princípio de constituição do indivíduo e seu princípio de ação.

Seguindo a linha desse raciocínio, só se pode compreender dialogismo como algo interacional pelo deslocamento do conceito de sujeito. Essa perspectiva bakhtiniana nos leva a compreensão do “papel do ‘outro’ na constituição do sentido ou sua insistência em afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz” (BARROS, 1994, p.3).

As vozes que dialogam têm posições diferentes, por meio da qual o discurso se constrói na interação/tensão, representando a linguagem em funcionamento. Em nossa pesquisa, partiremos dessa noção para observar os discursos presentes no *corpus* selecionado.

Em consonância com tais ideias e com base na teoria bakhtiniana que considera as particularidades discursivas e extralinguísticas, nossa investigação será de base qualitativa, consistindo na análise de excertos das duas obras supracitadas. Nesse ponto, tendo como referência a relação de interação/tensão existente entre os discursos constitutivos do pesquisador e os presentes no objeto de investigação, analisaremos os enunciados existentes sobre a representação do Estado por meio das falas das personagens e dos narradores. Assim, “as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornando-se bivocais” (BAKHTIN, 2010, p. 223).

Amparados nesse suporte teórico e considerando nosso objetivo de pesquisa, acreditamos ser pertinente um aprofundamento sobre a leitura literária crítica e o caráter transversal dessa ação.

2. A Literatura e o caráter transversal

A partir de problemas sociais específicos, mostra-se a necessidade de construirmos um trabalho que também abarque questões transversais (BRASIL, 2001), em que possamos privilegiar a construção da cidadania por meio da leitura e reflexão. A relação entre homem e ambiente decorre da compreensão de como os indivíduos entram em contato com a sociedade. Na visão bakhtiniana, a formação dos sujeitos dá-se pela relação dialógica entre os sujeitos e os enunciados que os circundam.

Com a falta de modelos familiares, nos quais os valores são deixados de lado, a literatura pode tornar-se uma ferramenta útil para trazer em debate uma das questões fundamentais de nossa sociedade: a ética. Dessa forma, faz-se urgente o desafio de se trabalhar com esse tema tão complexo.

Consoantes com esse pensamento, ao propormos trabalhar com a ética em nossas discussões, teremos que ter claro a definição desse conceito. De acordo com os PCN (BRASIL, 2001), *ética* representa a reflexão crítica sobre a moral, na qual podemos

compreender como conjuntos de princípios constituídos, num contexto sócio-histórico-ideológico.

Em uma sociedade democrática, o Estado se faz presente de diferentes formas, entre elas o exército e a polícia, por meio dos seus agentes (seja civil ou militar). As pessoas que representam o Estado são delegadas de um poder que podem usar para o bem ou para o mal, tendo em vista os constantes abusos de poder e corrupção veiculados pela mídia.

Com a imagem delineada por maus profissionais, a maioria da população (e nela se encaixa nossos jovens) pode ter uma visão negativa e descrente do poder público e seus agentes, deixando de ter confiança naqueles que deveriam proteger e cuidar da população.

Dessa maneira, escolher a cidadania como eixo norteador de nosso trabalho, implica discutir aos princípios de uma sociedade justa. Nesse ponto, a escola tem sua contribuição, pois o ambiente escolar corrobora no delineamento do caráter de nossos jovens, tendo os professores um papel fundamental nesse processo.

3. O papel da escola na formação de leitores críticos

Os sujeitos que representam o poder público são delegados de uma autoridade que podem usar de maneira inadequada, cabendo aos cidadãos o poder de fiscalizar e denunciar tais práticas. Para tanto, os sujeitos devem, desde sua formação inicial, ter consciência de seu poder de ação individual e coletiva.

Nesse ponto, a escola tem sua contribuição, pois é também no ambiente escolar que ajudamos a delinear o caráter dos educandos. Cabe ressaltar que essa instituição constitui-se como uma instância que reproduz também as ideologias do Estado. Sobre isso, Althusser (1985) nos diz que as ideologias têm uma existência material como uma via de duplo efeito: ao mesmo tempo em que o indivíduo se reconhece como sujeito, ele também se sujeita ao mecanismo ideológico.

Tendo consciência do papel que a escola exerce, cabe aos docentes, como agentes discursivos desse aparelho ideológico, formarem educandos que sejam capazes de reconhecer e distinguir minimamente os discursos ideológicos que circulam na sociedade. Para tanto, o professor precisa ter ferramentas teórico-metodológicas capazes de concretizar esse objetivo. Sendo assim, acreditamos que a leitura contrastiva de duas obras aparentemente distintas pode ser um caminho prático que consiga formar cidadãos com maior criticidade.

Um caminho para se trabalhar literatura na contemporaneidade é tentar aproximar as obras literárias dos grandes clássicos com obras contemporâneas de grande divulgação. Essa ideia torna-se uma opção entre as muitas existentes, não vem, portanto, contra as já existentes, mas como uma nova abordagem na tentativa de introduzir a literatura na vida dos jovens.

Segundo Cereja (2005), a busca dialógica entre diversas linguagens poderia facilitar o processo de aprendizagem da literatura, pois “poderiam levar a um resultado satisfatório em termos de leitura de textos literários e de contextualização desses textos no âmbito maior da literatura e da cultura brasileira como um todo” (p. 178).

Dessa forma, pretendemos analisar partes da obra *Vidas Secas*, tentando um diálogo com *Elite da Tropa*. Em termos metodológicos, iniciaremos nossas discussões fazendo uma reflexão sobre alguns fragmentos do clássico de Graciliano Ramos, para posterior intersecção com outros enunciados de *Elite da Tropa*.

4. *Vidas Secas*: reflexões sobre os representantes do Estado

Adotar a perspectiva bakhtiniana na análise de um romance significa, portanto, colocar-se diante de questões como estas: Como são caracterizadas as linguagens de personagens de diferentes grupos sociais? Através de que forma de citação essas personagens são dotadas de voz? Que tipo de acento apreciativo suas palavras recebem? Que intersecção com outros discursos suas falas revelam? De que modo essas vozes atuam na composição do discurso romanesco? (MARINHO, 2005, p. 250).

A partir dessas perguntas norteadoras e contextualizando a obra *Vidas Secas* (1982), temos um drama social brasileiro, representado por meio da narrativa de Graciliano Ramos, que (d)enunciava as condições precárias da vida nordestina na primeira metade do século XX. A partir do próprio título, percebemos a voz do autor na maneira em que constrói sua obra, uma vez que utiliza de um paradoxo para unir duas ideias contrárias (Vida X Seca): para existir vida é necessária a presença da água e, ao contrário, podemos associar a falta da água à presença da morte.

Os dados biográficos do autor ressoam na construção dos enunciados e, estes repercutem em sua obra. Graciliano Ramos foi considerado um dos maiores escritores do romance moderno no Brasil, tendo como origem o Nordeste, sua experiência de vida foi fundamental para o engendramento dos fios discursivos que teceram seus trabalhos. A

experiência política (como prefeito de sua cidade natal) e sua prisão, por suspeita de pertencer ao Partido Comunista, na época da ditadura, repercutiram na construção de seus livros.

Vidas Secas foi publicado em 1938 e conta a história de uma família sertaneja de retirantes na busca de um lugar para fugir da seca. O romance pertence à segunda fase do Modernismo brasileiro, também denominado de regionalismo. Possuindo 13 capítulos independentes, não há necessidade de uma leitura linear, dada a complexidade de cada capítulo e sua independência narrativa.

Sendo uma leitura dirigida para alguns excertos, este trabalho parte da investigação dos capítulos “Cadeia” e “O soldado amarelo”, nos quais se observa a presença do Estado com um papel opressor na vida do sertanejo. No primeiro quadro, escolhemos um trecho do capítulo destinado ao *soldado amarelo*, representante de uma política ditatorial da era Vargas, no qual se percebe a descrição do autoritarismo e a covardia do sistema que imperava no momento sócio-histórico vivenciado pelo autor:

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano:

_ Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bandoleira:

_ Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme.

Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.

Atravessaram a bodega, o corredor, desembocaram numa sala onde vários tipos jogavam cartas em cima de uma esteira.

_ Desafasta, ordenou a polícia. Aqui tem gente.

Os jogadores apertaram-se, os dois homens sentaram-se, o soldado amarelo pegou o baralho. Mas com tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou. Fabiano encalacrou-se também, Sinhá Vitória ia danar-se, e com razão. (RAMOS, 1982, p. 27).

A atitude do soldado em convidar Fabiano para participar de um jogo de azar pode representar as vozes que (d)enunciam o envolvimento de representantes do Estado em atividades ilícitas. Naquela época, a obra tornou-se um modo de revelar, por meio do texto literário, práticas de condutas inadequadas que perduram até hoje, entre as quais, a prevaricação de um servidor público, ou seja, o soldado, mesmo em horário de serviço, convida Fabiano para jogar cartas, deixando, assim, de cumprir os deveres do cargo público.

A partir dessa construção, percebe-se uma relação dialógica de consonância com as práticas denunciadas utilizadas pela mídia. De maneira parecida com jornais impressos,

televisivos ou mídias virtuais, o romance escrito acaba, por caminhos diferentes e sutis, fazendo também a denúncia sobre maus agentes do poder público.

A respeito da materialidade linguística, a presença do pronome indefinido *um*, diante do termo *soldado amarelo*, ratifica a quantidade indefinida de funcionários, pois lembra a presença da corrupção arraigada entre os supostos representantes da lei. A nomeação de uma personagem dessa maneira pode remeter a um sujeito anônimo, sem um rosto ou nome definido, abarcando não apenas o soldado da trama, mas outros soldados amarelos espalhados pelo país.

Dentro desse contexto, considera-se também a escolha do autor pelo substantivo comum *soldado* para nomear o antagonista da história. Observa-se que não há um nome próprio que determina esse representante do Estado. Além disso, o adjetivo *amarelo* pode sugerir alguns sentidos, entre os quais a cor (BARROS, 2012) indica um índice de indeterminação, referindo-se ao uniforme usado pela corporação da época. Entre outra possibilidade, a cor estaria ligada a um tipo de doença, chamada de *icterícia*, doença típica de moradores de região com baixo índice nutricional, com deficiência específica de ferro no organismo.

A partir dessas considerações, ao ser intimado/intimidado pelo soldado amarelo, vemos a falta de palavras de Fabiano para recusá-lo. Mesmo sem habilidade com a linguagem, tendo escassez de palavras, respeitava as autoridades, fato que podemos relacionar com a palavra *farda*. Essas vestimentas utilizadas pelo soldado amarelo outorgavam um poder que remetia em Fabiano uma subserviência.

As palavras do narrador e da personagem mostram explicitamente uma característica fundamental das relações dialógicas, ou seja, o jogo de tensão existente entre os enunciados. A voz onisciente do narrador mostra que, mesmo o sertanejo sendo um homem forte (expresso no texto pelos vocábulos *muque* e *substância*), a personagem de Fabiano, por não dominar a linguagem, obedecia sem questionar.

Aprofundando nosso raciocínio, pode-se pensar na representação de uma polícia violenta que não pede, mas ordena e coloca-se acima do cidadão comum, pois no trecho onde o soldado ordena para se afastarem, dizendo: *Aqui tem gente*, vemos um posicionamento autoritário, em que alguns “representantes da lei” acreditam poder desrespeitar e maltratar as pessoas comuns. De maneira geral, esse trecho leva-nos a refletir sobre os desvios de conduta, em que determinados profissionais abusam de seus privilégios hierárquicos.

Em suma, uma leitura pela perspectiva bakhtiniana necessita que consideremos as relações dialógicas entre enunciados anteriores e posteriores, abarcando o contexto sócio-histórico, bem como a relação dos (inter)locutores nesse processo.

Dando continuidade em nossas discussões, observa-se em outro trecho a presença mais enfática da violência, por parte da polícia, conforme o excerto em destaque:

Fabiano estremeceu. Chegaria à fazenda noite fechada. Entretido com o diabo do jogo, tonto de aguardente, deixara o tempo correr. E não levava o querosene, ia-se alumiar durante a semana com pedaços de facheiro. Aprumou-se, disposto a viajar. Outro empurrão desequilibrou-o. Voltou-se e viu ali perto o soldado amarelo, que o desafiava, a cara enferrujada, uma ruga na testa. Mexeu-se para sacudir o chapéu de couro nas ventas do agressor. Com uma pancada certa do chapéu de couro, aquele tico de gente ia ao barro. Olhou as coisas e as pessoas em roda e moderou a indignação. Na catinga ele às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se.

_ Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos.

_ Desafasta, bradou o polícia.

E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir.

_ Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jogo?

Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto de reiúna em cima da alpercata do vaqueiro.

_ Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

_ Toca pra frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.

_ Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano.

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando. (RAMOS, 1982, p.29-30).

O trecho em destaque mostra indícios de regionalismo e expressões coloquiais que mostram uma passagem que exemplifica uma situação de violência cometida por uma autoridade. Após Fabiano se ver obrigado a participar da jogatina proposta pelo soldado amarelo e também por ter perdido parte do dinheiro das suas compras com jogo e bebida, a personagem vai embora e encontra em seu caminho o soldado novamente.

No período que abre o excerto “Fabiano estremeceu”, percebe-se a verbalização da consciência da personagem representada em um gesto corporal. Por conta da bebida e do jogo de azar, não cumpriu o prometido para Sinhá Vitória, sua esposa. Tomado pelo sentimento de

arrependimento, o sertanejo estremeceu, pensando no que aconteceria quando chegasse em casa e as consequências do seu ato.

Nesse ponto, vemos uma possível crítica a esses costumes que acabavam deixando mais difícil a vida dos sertanejos. Por outro lado, pode-se vislumbrar uma crítica ao poder público que não dava estrutura básica, como água encanada, nem luz elétrica aos cidadãos. Além disso, por não ter opções de lazer, o homem sertanejo via nas bodegas, espécie antiga de bar, uma opção de distração, sendo o álcool e o jogo, formas de esquecerem momentaneamente seus problemas. Essa passagem remete a uma relação com enunciados anteriores, fazendo-nos refletir sobre as formas de lazer de décadas passadas, onde não havia shoppings, cinemas, internet e outros meios de diversão.

Na sequência da cena, a autoridade militar acaba provocando Fabiano por ter saído da bodega sem se despedir. Ratifica-se a temática da violência pelo gesto do soldado que empurra o sertanejo. A autoridade usa de método truculento para chamar atenção, desvelando uma postura inadequada, que vai contra o esperado de um representante da lei.

Com essa atitude, a personagem não vê possibilidade de revidar, pois mesmo sabendo que o soldado tinha um porte menor e que poderia enfrentá-lo com vantagem, tinha consciência e respeito pelas autoridades. Além disso, estava em outro ambiente e no espaço urbano o representante do Estado não estava sozinho, existiam outros iguais que poderiam causar mais problemas.

Essas reflexões remetem-nos às relações dialógicas com enunciados que mostram a possível questão do corporativismo, no qual os pares acabam se protegendo ou acobertando certos atos ilícitos. Isso ocorria em décadas passadas e também hoje acompanhamos por meio da mídia denúncias relacionadas ao assunto.

Dando prosseguimento, no trecho “na catanga ele cantava de galo”, vê-se, primeiramente, um vocábulo que situa em qual região sócio-histórica Fabiano estava inserido, ou seja, ao se mencionar a palavra catanga (ou caatinga), lembramo-nos da região caracterizada pelo calor, seca e vegetação sem folhas, decorrente da estação de seca. Ademais, o ditado antigo “cantar de galo” representa sua consciência de que, na região em que morava, ele tinha o comando da situação, mas na cidade eram as autoridades que tinham o poder.

Além dos vocábulos que apontam índices sociais e geográficos, no período: “Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos”, a palavra “vossemecê” parece

ser um índice temporal, tratamento usado antigamente pelas pessoas, vindo da contração da forma pronominal de tratamento “vossa mercê”.

Aqui, outro ponto que ressaltamos é que pelo viés bakhtiniano, parte-se da materialidade linguística para chegar a uma análise enunciativo-discursiva. No caso específico do trecho, os índices linguísticos acabaram (d)enunciando uma época passada, na qual as pessoas tratavam-se de outra forma.

Em outro período, “E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir”, vê-se um motivo banal do soldado para agredir o sertanejo. Além de tratá-lo de maneira ríspida e grosseira, bradando para se afastar, constrói uma situação para prejudicá-lo. Relaciona-se esse período com as possíveis armações e erros que alguns maus profissionais cometem contra os cidadãos de bem, situação essa retratada por Graciliano Ramos em sua obra, mas também muito atual, visto algumas revelações retratadas pela mídia, como o caso “Amarildo”, no Rio de Janeiro.

Depois de toda a provocação do soldado, o sertanejo não tinha argumentos e acabou apelando, xingando a mãe do seu agressor. Nesse trecho, ratifica-se a falta de habilidade no traquejo com as palavras, uma vez que não consegue verbalizar sua discordância contra as acusações e provocações da autoridade.

Mesmo Fabiano não fazendo nada ilícito e não tendo culpa pelo soldado ter perdido dinheiro na jogatina, a autoridade grita e o insulta, arrumando pretexto para uma briga, fazendo-o revidar. Depois desse fato, o soldado amarelo chama outros companheiros para auxiliá-lo. O soldado berra com Fabiano para tocar para frente, como se o sertanejo fosse um animal. A escolha da expressão “toca pra frente” remete-nos a ideia de alguém tocando o gado ou outros tipos de animais.

Após o ocorrido, o sertanejo é preso e na cadeia desconhece o real motivo do seu cárcere. Por não compreender as falas dos soldados, fica com medo, pois estava em outro ambiente. Esse trecho da história mostra a questão da linguagem utilizada pelos agentes da lei, que muitas vezes não são entendidas pelas pessoas comuns, até mesmo pelos mais letrados, uma vez que termos e jargões de uma esfera específica acabam não sendo compreendidos totalmente pela maioria da população, como exemplo a esfera jurídica.

No cárcere, Fabiano apanhou diversas vezes com a lâmina de um facão, além de levar um safanão. Entre as muitas atitudes narradas sobre a reação do sertanejo, chamou-nos

atenção o vocábulo “rosnando”. A palavra faz lembrar um animal que, sem poder falar de algo que não está a contento, acaba rosnando como um bicho para expressar seus sentimentos.

Resumidamente, as relações dialógicas existentes e as vozes desveladas no excerto remetem à violência, muitas vezes gratuita, por parte da polícia. Percebe-se também o corporativismo entre os profissionais dessa instituição, pois os policiais, aproveitando-se da ignorância de Fabiano, prendem-no e, de forma covarde, batem em um cidadão que aparentemente não tinha cometido nenhum delito.

Os enunciados engendrados por Graciliano Ramos refletem e refratam uma realidade que se perpetua até hoje, na qual os mais desfavorecidos, seja pela cor ou situação econômica, são ainda subjulgados por alguns representantes do poder público. (D)enuncia-se também, por meio de personagens ficcionais, as vozes que se indignam com a presença de pessoas de caráter duvidoso no comando e na representação do governo.

Aprofundando nossas discussões, colocamos um trecho onde podemos perceber as vozes que (d)enunciam a ineficiência do Estado. Esse fato ainda perdura em nossos dias, pois a imagem que se tem das máquinas do Estado é de algo ineficiente. No trecho, vê-se a dicotomia de Fabiano, pois ao mesmo tempo em que respeita a presença abstrata do poder público, não reconhece a serventia da representação material deste mesmo governo por meio do soldado amarelo.

Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e agüentavam cipó de boi oferecia consolações:

– “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.”

Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?

– An!

E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse o governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza.

Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? (RAMOS, 1982, p. 33 -34).

O período que abre o excerto traz em si uma pergunta retórica, em que o sertanejo faz reflexões sobre o porquê de uma pessoa desqualificada ter autoridade para bater e colocar outras pessoas na cadeia. Desse modo, pode-se perceber um questionamento sobre como esses cidadãos são dotados de uma autoridade, que muitas vezes não condiz com suas atitudes.

Assim, vê-se uma possibilidade de se questionar o processo pelo qual o governo contrata seus representantes e o modo que forma esses cidadãos para atuarem em seu nome e cumprirem adequadamente suas funções.

A partir de seu questionamento, Fabiano não tinha uma resposta correta, mas acostumara-se, como os demais, àquela situação. Para ele, a solução era resignar-se, acreditando que sofrer violência vindo do governo não era algo ruim.

No entanto, em suas reflexões, a personagem começa a tomar consciência sobre sua situação e exprime sua incredulidade a respeito do soldado amarelo ser um dos representantes desse governo. Ao personificar o governo por meio da figura do soldado amarelo, como um homem cheio de defeitos, vê-se a fragilidade do poder estatal no controle de seus agentes, pois alguns desses representantes, por causa do mau comportamento, acabam, de certa maneira, manchando a imagem de uma categoria inteira.

A pergunta que finaliza este trecho revela a ineficiência por parte do soldado e, por conseguinte, do governo. Nesse ponto, a personagem verbaliza sua insatisfação pela presença do soldado amarelo. Na mesma medida em que achava o governo algo distante e perfeito, a proximidade com o soldado amarelo trazia-lhe uma realidade contrária a tudo que acreditava.

Sob outra perspectiva, Graciliano Ramos (d)enuncia os que governam e deles se beneficiam. O soldado amarelo representava apenas a ponta de algo muito maior, no qual a personagem de Fabiano evoca como os donos que dirigiam o soldado, o que nos remete à denúncia sobre a política existente na época em que o romance foi escrito.

Nessa mesma linha de raciocínio, a obra ficcional *Elite da Tropa* (2006) (d)enuncia a presença do Estado representada pelos policiais cariocas. Apesar da distância temporal de décadas, as duas obras parecem retratar os mesmos problemas existentes nas corporações policiais do país: violência indiscriminada, corrupção, entre muitas outras problemáticas, revelando uma relação dialógica de consonância entre as publicações, conforme veremos na próxima seção.

5. *Elite da tropa* em diálogo com *Vidas Secas*

Levando em consideração nossas discussões a respeito dos excertos elencados a partir de *Vidas Secas*, explicitaremos algumas possíveis relações dialógicas existentes com o livro *Elite da Tropa*, tendo como base dois trechos selecionados.

De acordo com Neme e Cubas (2007), *Elite da Tropa* resultou de uma combinação de experiências ficcionais de seus autores na corporação policial e na gestão da segurança pública. O livro tem a autoria do antropólogo Luiz Eduardo Soares, que atuou na gestão da segurança pública como coordenador de Segurança, Justiça e Cidadania do governo do Rio de Janeiro entre 1999 e 2000, e como secretário nacional de Segurança Pública em 2003. Além de Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel (que, durante os anos 1990, integraram o BOPE), participaram da obra como coautores.

Dividido em dois segmentos (composto de 22 episódios), a primeira parte retrata o caráter violento das operações policiais; na segunda, segue um detalhamento entre a relação viciosa do crime organizado e o poder público. Na primeira parte, intitulada “Diário de guerra”, são narrados vários acontecimentos, referindo-se às incursões policiais do BOPE nos morros cariocas, nelas são destacadas a violência e a relação entre a polícia e a população. Na segunda parte, apresenta-se o panorama dessas invasões.

Enquanto traficantes mantêm os seus negócios, policiais apavoram a população e se beneficiam da corrupção, perpetuando a (des)ordem social. O livro tornou-se campeão de vendas na época do seu lançamento e teve como apelo a violência desenfreada (retratando um lado da verdade sobre a corrupção e o poder público, no qual persiste um círculo vicioso).

Em um dos trechos, o narrador retrata uma cena de violência cometida por um policial. Nesse relato, percebe-se a condescendência dos colegas no tratamento dado aos supostos delinquentes.

Não sei se ele quis inventar, punindo a turma com a pena moral máxima, que é a humilhação, e jogando com as variações do significado da palavra boca. O fato é que deu a maior merda. Ele foi acusado pelos próprios colegas, os oficiais ficaram furiosos, os policiais ficaram indignados. Não pelo rapaz empalado. Isso parecia parte da operação policial. Heterodoxa, mas policial, porque o fim visado não era o prazer. O objetivo era prático e o sofrimento era um método. Mas a sacanagem escrachada, com humilhação e sexo forçado, era demais. Não sou eu quem está dizendo. Como já afirmei antes, não julgo, avalio, denuncio ou critico, nem a mim nem aos outros. Minha missão é relatar o que aconteceu. É uma espécie de trabalho de parto. Só que, nesse caso, é a verdade que se dá à luz. Posta no mundo, cada um lide com ela como quiser. (SOARES; PIMENTEL; BATISTA, 2006, p. 111).

Narrado em primeira pessoa como uma espécie de diário, esse recurso faz com que haja uma aproximação por meio da verossimilhança, onde não conseguimos distinguir entre ficção e realidade. No enredo, o narrador explicita ao interlocutor sua dúvida quanto ao que motivou o oficial a utilizar de extrema violência em suas funções.

No primeiro período, percebe-se uma lembrança de uma operação em que um dos integrantes da corporação usa métodos pouco ortodoxos, em uma das incursões policiais. Houve uma referência ao termo “boca”, não apenas no sentido da gíria “boca de fumo” (lugar onde se vende drogas), mas como a maneira que um desses policiais usou para fazer “justiça com as próprias mãos”, utilizando a “boca”, no sentido literal da palavra, para castigar um dos supostos contraventores.

Esse enunciado faz uma relação dialógica com enunciados, que nos lembram os métodos utilizados no passado e no presente pelos representantes da segurança pública para conseguir informações. Desse modo, há uma espécie de diálogo entre as obras que mostra diferentes faces de uma violência, muitas vezes desnecessária, cometida pelos representantes do Estado.

No período “O fato é que deu a maior merda”, além do uso de termos pejorativos como “merda”, observamos que a ação feita pelo policial ultrapassa os limites morais e éticos de seus colegas, causando indignação entre os pares.

Na sequência, descobriu-se que o castigo utilizado por um dos membros do BOPE foi a empalação, método antigo que consistia em enfiar objetos pontiagudos por um dos orifícios da pessoa. Todos os colegas do policial concordavam que o sofrimento era um dos métodos para conseguir alguma informação importante no submundo do crime, porém “a sacanagem esrachada, com humilhação e sexo forçado”, foi o extremo que fez os oficiais ficarem revoltados.

Vê-se uma relação dialógica de consonância entre os livros, no que se refere à questão da ética, pois ao mesmo tempo em que os policiais do BOPE, acabam mostrando o limite do suportável na maneira utilizada pelos colegas em suas abordagens. Nesse ponto, vê-se um diálogo entre as atitudes de Fabiano e a cena onde ele, mesmo subjugado e sabendo que poderia ganhar em força física do soldado amarelo, acaba não reagindo por respeitar a sua autoridade, mostrando também uma espécie de limite ético.

Na parte final do excerto, percebe-se uma tentativa do narrador em se distanciar dos fatos a partir de uma aparente neutralidade. Assim, apresenta-se como uma espécie de “revelador da verdade” a respeito das práticas dos integrantes do BOPE e sobre parte das incursões nos morros cariocas.

No trecho em análise, como nos outros explicitados em *Vidas Secas*, evidenciamos a violência desmedida que serve de mote a uma discussão sobre a ética existente dentro da polícia e também na maneira como essa mesma polícia convive com a sociedade.

Fazendo um diálogo entre os enunciados, vê-se que o corporativismo entre as autoridades possui um certo limite. No texto de Graciliano Ramos, há uma espécie de ajuda entre os soldados, que auxiliam o soldado amarelo na prisão de Fabiano e posterior agressões. Por outro lado, mesmo que *Elite da Tropa* trate da violência policial, vê-se um desacordo quanto aos exageros cometidos entre os colegas.

Como uma das características das relações dialógicas, não há apenas uma relação harmoniosa de troca, mas remete-nos um jogo de tensões que podem revelar concordâncias e discordâncias entre os enunciadores. Distanciados por várias décadas, os enunciados possuem uma temática semelhante, revelando nuances nas ações militares no sertão nordestino na primeira metade do século XX e dos agentes especializados da polícia carioca no começo do século XXI.

Fazendo mais uma relação entre as obras, a personagem Fabiano queria acabar com aqueles que mandavam no soldado amarelo, por achar neles a “fonte do mal”, em *Elite da Tropa* esse “mal” é retratado de forma mais direta, pela presença de vários cargos do poder político, conforme vemos no próximo quadro.

Ele decidiu se fazer de desentendido e voltou a prender os apontadores. O coronel convocou-o novamente. Recebeu-o com expressão mais carregada, como era previsível.

_ Escuta aqui, tenente. O negócio é o seguinte. Se não vai por bem, vai por mal. O prefeito me chamou. Levei a maior descompostura por sua causa. Só estou na posição que ocupo por conta do acordo político do governo com a prefeitura. Se você quer saber, não sou eu que recebo, não. É o prefeito, governo, a secretaria, o comando geral. A minha parte é ínfima. Mesmo porque não sou goelão. Minha fatia, eu divido. Como você preferiu ficar de fora, vai pagar um preço por isso. Se você quer ser mais realista que o rei, paciência. Problema seu. Só não posso permitir que o problema fique sendo meu. Se você não sabe como é que as coisas funcionam na polícia, já é hora de aprender. Se não gostou, cai fora enquanto é tempo. Sua transferência sai em 48 horas. Estou colocando você em licença para que não te falte tempo para as providências pessoais. Você vai para a capital. Se eu fosse você, começaria a preparar a mudança. Um dia, no futuro, vamos voltar a conversar. Pode ir. (SOARES; PIMENTEL; BATISTA, 2006, p.114 -115).

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que estamos discutindo apenas um fragmento do capítulo, sendo necessário, pela perspectiva dialógica, fazer uma análise integral do enunciado. Como há coerções limitativas quanto ao número de páginas para este artigo

científico, recomenda-se que em um trabalho de leitura crítica, que adote o viés bakhtiniano seja considerado o enunciado como um todo, abarcando todos os elementos do engendramento enunciativo.

O primeiro período do excerto mostra uma aparente desobediência militar de um subordinado que acreditava estar cumprindo suas ações de maneira correta, mas foi contrário às ordens superiores. O enunciado dialoga com enunciados anteriores a respeito da atitude de um policial, que faz seu serviço adequadamente, mas acaba atrapalhando um esquema de corrupção existente.

Nesse ponto, vê-se uma relação dialógica de discordância com as atitudes do soldado amarelo retratadas na obra *Vidas Secas*. Enquanto na narrativa de Graciliano Ramos, o agente do poder público mostra um lado negativo, o policial descrito em *Elite da Tropa* mostra um lado positivo dos agentes militares que tentam cumprir seu papel de maneira satisfatória. Em ambos os livros, vemos que não há um nome próprio definindo os representantes militares, fazendo-nos refletir sobre os maus profissionais anônimos infiltrados nas corporações, bem como os inúmeros representantes do governo que cumprem de maneira correta suas funções e não são noticiados pela mídia ou retratados na literatura.

Em decorrências dessa desobediência, o coronel convocou o militar para dar explicações quanto às atitudes observadas. Por sua vez, o tenente ouviu toda reclamação do coronel sem refutar em nenhum momento. Observa-se que a maior parte do excerto mostra a fala direta do superior e seus argumentos. Após discorrer sobre os motivos da convocação, dispensa o tenente da sala, informando-o da sua transferência compulsória.

Na fala do coronel, observa-se uma conversa informal que não condiz com uma situação profissional entre graduados militares. Isso se comprova também pelo uso dos vocábulos, entre os quais destacamos a palavra *goelão*, empregada quando o superior explicita não ser ganancioso e não querer ficar com a maior parte dos lucros do esquema de corrupção.

Sob outro aspecto, percebe-se no fragmento que não há um diálogo entre as personagens, prevalecendo um monólogo, no qual o superior fala e o subordinado apenas ouve e obedece sem questionar.

Fazendo uma análise contrastiva, vê-se uma relação dialógica consonante no que tange à posição que as personagens ocupam. Tanto em *Vidas Secas* (soldado amarelo X Fabiano)

quanto em *Elite da Tropa* (coronel X tenente), há uma relação de autoridade que submete os mais fracos a condições desfavoráveis.

No caso, Fabiano é obrigado a jogar com o soldado amarelo e depois acaba sendo preso e agredido sem uma justificativa plausível. Mesmo sendo um homem simples, sem domínio das palavras, tem consciência da autoridade que o soldado amarelo representava e acaba aceitando a situação. Quanto ao tenente de *Elite da Tropa*, o mesmo tem consciência dos esquemas de corrupção e, mesmo contrariando as leis paralelas existentes do esquema, acaba desobedecendo para fazer a coisa certa. No entanto, por consequência de suas ações é convocado pelo seu superior e punido, por tentar fazer o correto e ir contra aos desmandos de uma rede de corrupção, que engloba poderosos representantes do poder público.

Nesse diálogo entre um subordinado e seu superior, verifica-se explicitamente as vozes que (d)enunciam esquemas de corrupção envolvendo o poder público. O que ocorre na cadeia produtiva do tráfico retratada explicitamente no livro é apenas a *ponta do iceberg*. Em meio a tudo isso, o excerto também revela um outro lado, em que uma minoria honesta e incorruptível acaba sofrendo as consequências por tentar ir contra a esse sistema corrupto.

Considerações finais

Como vimos, a ética tornou-se um tema dialogicamente abordado em ambas as obras, ademais, a corrupção e a violência também desencadearam discussões em ambos escritos. Mesmo distanciados por um grande período, compreendido por décadas, os dois livros abordaram assuntos semelhantes e pertinentes para a sociedade, que são ainda hoje muito atuais e pertinentes para formação de leitores críticos.

Fazendo o imbricamento entre obras tão diferentes, chegamos a um resultado positivo, uma vez que foi possível perceber relações dialógicas entre o clássico de Graciliano Ramos e a obra contemporânea *Elite da Tropa*. Apesar do distanciamento temporal, os livros retrataram dialogicamente, por meio de seus enredos, problemas sociais comuns, entre os quais destacamos a ética e a postura dos representantes da lei e segurança pública.

Nesse ponto, pode-se encontrar um viés para um trabalho transversal (BRASIL, 2001) em que o texto literário seja mote para o ensino da leitura crítica. Como aponta Dalvi (2012) em *Ensino de literatura: algumas contribuições*, a leitura e o ensino de literatura continuam tendo evidência nas publicações do mercado editorial. No entanto, percebe-se uma variação

dessas publicações entre um encaminhamento prescritivo ou uma postura acadêmica que não privilegia atividades práticas para o aprendizado dos educandos.

Outro ponto negativo que talvez não corrobore com o desenvolvimento da temática é a defasagem na formação básica dos professores, uma vez que muitos cursos de licenciatura acabam tratando de certos assuntos apenas de maneira superficial, exigindo que os profissionais se atualizem para que seja possível desenvolver um trabalho de qualidade com seus educandos.

Desse modo, é preciso que a leitura literária não esteja à margem dos demais conteúdos de língua materna, nem privilegie apenas autores consagrados (dando destaque também para obras de menos destaque). Além disso, há a necessidade de um planejamento focado no desenvolvimento na formação de leitores crítico-reflexivos.

Por fim, ressaltamos que para um trabalho que leve em conta o viés dialógico, precisamos considerar a totalidade do enunciado concreto, sendo que esse possui autor, interlocutores, juízos de valor, bem como permite um acabamento enunciativo e efeitos de sentido.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado*. 2 ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- AMORIM, Marília. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Teresa; SOARES, Solange Jobim; KRAMER, Sonia (Org.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 11 -25.
- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso em Dostoiévski. In: *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Org.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Cor e sentido. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. (Org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012, p.81-107.
- BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BRAIT, Beth. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. (Org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012, p.9-19.

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília/São José dos Campos: MEC/SEF/UNIVAP, 2001. (Temas Transversais).
- CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho em literatura*. São Paulo: Atual, 2005.
- DALVI, Maria Amélia. Ensino de literatura: algumas contribuições. In: UYENO, Elzira Yoko; PUZZO, Miriam Bauab; RENDA, Vera Lúcia de Siqueira. (Org.). *Linguística aplicada, linguística e literatura: intersecções profícuas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p.15-42.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- MARINHO, Maria Celina Novaes. Transmissão no discurso alheio e formas de dialogismo em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- NEME, Cristina; CUBAS, Viviane de Oliveira. *Elite da tropa*. Estudo.av., São Paulo, v. 20, n.58, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 23 de dezembro de 2007.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 48. ed. São Paulo: Record, 1982.
- SILVA, Elisabeth Ramos da. As contribuições e estratégias dos professores de língua materna para promover o desenvolvimento do senso crítico dos alunos. In: CASTRO, Solange Terezinha Ricardo de. (Org.). *Pesquisas em Linguística Aplicada: Novas Contribuições*. Taubaté-SP: Cabral Editora, 2003.
- SOARES, Luiz Eduardo; PIMENTEL, Rodrigo; BATISTA, André. *Elite da tropa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

Artigo recebido em fevereiro de 2014.

Artigo aceito em abril de 2014.